

## ARTIGO

## Sobre Tabagismo e Tolerância



JORGE DAHER  
Médico

Enquanto me preparo para sair para o último dia de Congresso em Toronto, paro para ver notícia sobre o Congresso da Associação Americana de Oncologia, que se realiza em Chicago. Duas novas drogas, que prometem ser revolucionárias, estão em evidência, uma para o câncer de intestinos e a outra para o de pulmão.

A esperança de uma droga eficaz para o câncer movimentou bilhões de dólares a cada ano, faz com que os papéis acionários das empresas atinjam cotizações recordes, o que movimentou um círculo virtuoso, onde a valorização acionária implica em mais recursos para pesquisas (mas não alivia os custos finais dos remédios).

Fecho a porta do quarto um tanto atrasado, afinal tenho quinze minutos de metrô até o centro de convenções, mas fazendo elocubrações, e algumas contas. Nos dias passados no Canadá, pude observar que esse realmente é o país da tolerância, tanto racial, quanto do que podemos alcançar em qualquer proposta menos apressada sobre as relações humanas.

O Canadá tem a segunda maior colônia de chineses do mundo, só perde para a própria China,

também é berço de chegada de indianos, paquistaneses, iranianos, árabes, brasileiros.

Nesse país, os estrangeiros são integrados plenamente à sociedade, participam ativamente da economia do país e geram as riquezas que estão fazendo a economia canadense ameaçar a soberania financeira americana.

O metrô cheio mostra o colorido multirracial em convivência pacífica e alegre. As ruas confirmam essa impressão. Sim, o Canadá é o berço da tolerância racial! E impressionante fato comum a todas as etnias, exceto a indiana, que vivem nesse país: o tabaco.

Jovens e adultos carregam consigo a lata, o maço, trazem na mão ou já na boca, o cigarro. Não se vê bebidas com facilidade em Toronto, uma homenagem ao Tennessee Club se realizou com muita dificuldade pela dificuldade em encontrar quem vendesse o spirit necessário ao ritual que o clube exige. Mas cigarro praticamente todos tem na mão (ou no bolso).

A nicotina age sobre as células penetrando no núcleo e agindo diretamente sobre o DNA, através de substâncias chamadas de promotoras. O DNA recebe uma informação desses promotoras que o faz se dividir e modificar a informação nele contida, processo chamado de mutação gênica. A exposição crônica a essa ação provoca o nascimento de células que se dividem desordenadamente, produzindo hormônios e substâncias outras, consumindo um volume de energia orgânica de fabu-

losa monta. Esse processo é conhecido como câncer.

A nicotina também age sobre as células da intimidade dos vasos, chamadas células endoteliais e essa ação nas artérias coronárias, provocam um estado inflamatório que tem como consequência a formação de um trombo, que irá ocluir a artéria em alguns anos vindouros, tornando o cigarro a principal causa evitável de infarto do coração. Também é a principal causa evitável de câncer, sem contar o impacto que tem sobre a pressão arterial, como um dos fatores agravantes do que conhecemos hoje por Apnéia Obstrutiva do Sono, que é caracterizada pelo sono povoado por roncos altos e respiração que dá a impressão de sufocamento, quando não de morte.

Um estudo da OMS mostrou que para cada dólar arrecadado com impostos de cigarro, os governos gastam dez em tratamento das consequências, ou seja, fumar também faz mal para os bolsos dos governos.

O caminho nicotinado até o centro de convenções me fez ver que em nossa cidade também a realidade do uso de cigarros não é muito diferente. Como em todo o mundo, o número de jovens tabagistas aumentou assustadoramente. Em uma cidade de trezentos mil habitantes e com uma rede pública de educação satisfatória, uma campanha permanente contra o tabagismo seria uma política de governo louvável, capaz de reduzir incidência de terrível vício e aumentar a longevidade de nossos jovens cidadãos.

## ARTIGO

## Simplesmente Essencial

Ínímeras são as necessidades do ser humano: fisiológicas, profissionais, sentimentais, materiais, mas uma dentre elas ocupa um lugar de destaque, ou ao menos deveria ocupar. Embora muitas sejam as vezes em que passe despercebida ela é o cerne de toda a questão. Refiro-me à educação em seu sentido mais amplo, na medida em que o grau de importância e significado a ela atribuído determina as condições e submissões a que uma sociedade possa estar sujeita.

Preceitua a Constituição Federal de 1988 que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, bem como assegura o direito de greve como mecanismo de defesa dos interesses dos trabalhadores. No entanto, a supracitada norma assegura a definição dos serviços e atividades essenciais à sociedade. Pergunto: não seria a educação um serviço essencial à formação de um cidadão - digo, uma pessoa consciente dos seus direitos e deveres, capaz de questionar verdades impostas e, principalmente, olhar os fatos da vida cotidiana de forma crítica -?

Nos últimos dias temos convivido com diversas manifestações de servidores públicos vinculados às secretarias de educação estadual e municipal. Recentemente, presenciámos a greve deflagrada na UEG,

colégios estaduais paralisados e, na próxima quarta-feira, os docentes da rede municipal deixarão as salas de aula, por um dia, para reivindicarem direitos. O impasse gera desconforto, natural. De um lado, estão os professores, componentes de uma classe que precisa ser valorizada, pois dela depende, em grande parte, a formação social e intelectual da sociedade. Do outro, estão os estudantes mercedores de ensino de qualidade e situados no fogo cruzado da discussão.

Reposição salarial, pagamento dos salários dentro do mês trabalhado, convocação dos aprovados em concurso e reforma imediata das escolas são algumas das reivindicações apresentadas pelos servidores. Exigências justas e necessárias. Sabemos que a receita resultante dos impostos que pagamos tem destino preestabelecido por lei. A União não destinará menos de 18% e os Estados, Distrito Federal e Municípios no mínimo 25% do referido montante à manutenção e desenvolvimento do ensino. Diante de tal esboço fica a indagação: será que nossa contribuição financeira está sendo insuficiente ou mal administrada? A carga tributária a qual estamos submetidos e que sabemos o quanto pesa em nosso orçamento me leva a acreditar que a segunda proposição seja a

mais condizente.

O lamentável é que o segmento da população mais carente, justamente o que mais precisa da educação como instrumento de libertação da miséria, da opressão e da discriminação social, seja o mais prejudicado. É esta parcela da sociedade que, preponderantemente, faz uso do ensino público, da saúde pública e dos demais serviços sociais oferecidos pelo governo. E, neste contexto, conhecimento, cultura e diploma são instrumentos sem os quais é praticamente impossível resgatar a cidadania de um indivíduo dando-lhe condições de competir e se desenvolver num cenário cada vez mais desigual e injusto.

A importância da educação como elemento primordial para a composição de uma sociedade sadia - leia-se ética e justa - e promissora precisa ser difundida nos mais recônditos pontos da sociedade e assimilada por eles. Isto, porque é difícil defender e lutar por algo cujo valor se desconhece. Portanto, resolver a questão é um dever de casa um tanto complexo, mas uma solução com certeza será dada por meio de um acordo em que pese a parte mais prejudicada: o corpo discente. É o que se espera.

Kelvia Meireles  
Jornalista

## ARTIGO

## Renaniana: revistas, calvários e a volta da arapongagem

Qm dois textos da mesma Página 2 da Folha de S.Paulo de domingo (3/6), menciona-se aquele que inspirou o primeiro nome do senador alagoano hoje no centro do picadeiro político. No primeiro editorial, "Mundo submerso" e no texto "A democracia coroada", de raspão fala-se no francês Ernest Renan (1823-1892), filólogo, filósofo, historiador e teólogo que pretendia um "cristianismo racional e crítico" através de obras ousadas, antidogmáticas e precursoras do ecumenismo (A Vida de Jesus, História das Origens do Cristianismo e História do Povo de Israel).

Ainda é cedo para prever a esfera e a maneira como o outro Renan, o Calheiros, será conhecido pelos pósteros. De alguma forma o seu nome estará associado ao jornalismo: a) como dono de um conglomerado regional de mídia (já abiscoitou quatro concessões do Congresso que preside); b) como pivô de uma inusitada disputa entre os semanários e, caso as denúncias sejam levadas adiante, c) como mais um senador que renuncia para não ter o seu mandato cassado.

## ALCOVITAGEM PÚBLICA

O Renan que não é Ernesto e agora parece muito à vontade na fase-2 do calvário apareceu nos quatro

semanários do último fim de semana com imagens não apenas diferenciadas, mas completamente antagônicas:

\*\* Veja não conseguiu comprovar as denúncias da edição passada onde Renan aparecia como beneficiário de pagamentos a terceiros (e terceiras) efetuados pela construtora Mendes Júnior. Em matéria mais escondida do que a anterior, permeada de perguntas (quatro) sem respostas, consegue pelo menos comprovar a sólida ligação entre o senador e o lobista da empreiteira, Cláudio Gontijo. Se a partir de agora empenhar-se numa investigação séria (como deveria ter feito antes de colocar a boca no trombone), talvez consiga ir adiante e comprovar que o protetor Gontijo, além de amigo, teve o suporte de Mendes Jr. para cobrir os gastos pessoais do senador.

\*\* Época assumiu a defesa explícita de Renan Calheiros: apresentou os documentos "sigilosos" que este encaminhou à Corregedoria do Senado no qual tenta provar que os pagamentos à jornalista Mônica Veloso, mãe de sua filha numa relação extra-conjugal, saíram do seu bolso e não do caixa da Mendes Jr.

\*\* CartaCapital, que só pensa naquilo (a defesa do governo), inventou nova teoria conspiratória: as denúncias contra Renan são uma forma de manter o governo sob pressão. Em

outras palavras: investigar Renan e investir contra a corrupção não seria a obrigação de uma imprensa independente, mas evidência dos instintos golpistas da mídia. Os bravos defensores da imprensa engajada (com seis páginas de anúncios de estatais e governo) apropriaram-se da tese defendida por este Observatório da Imprensa de que denúncias levianas e pouco investigadas só enfraquecem a Operação Navalha [ver "Denúncia apressada pode abafar Operação Navalha", de 29/5/2007]. E foram adiante: preservar Renan significa preservar a coalizão oficialista.

\*\* IstoÉ não esqueceu o estilo araponga adotado na cobertura do Dossiê Vedoin. Resolveu oficializá-lo na base da apelação, gravações clandestinas, conversas de alcova. Renan Calheiros é comparado a Hillary Clinton e a sua namorada, Mônica Veloso, apresentada como chantagista. O semanário não está preocupado com tráfico de influência, licitações fraudadas, corrupção. Nem poderia: a matéria é rigorosamente favorável aos interesses de Renan que, à esta altura, prefere o "calvário" da alcovitagem pública ao aparecimento de provas que possam afastá-lo do poder.

Alberto Dines  
Jornalista

## ARTIGO

## O Relógio é o senhor Absoluto no Processo

QEm entrevista concedida ao jornalista Mozahir Salomão e publicada neste Observatório da Imprensa [ver "Jornalistas não ligam para a teoria"], Nelson Traquina, professor de jornalismo do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova, de Lisboa, afirmou que "as pessoas que fazem as notícias lêem pouco sobre o jornalismo". Ou seja, para o teórico e autor de vários livros sobre o tema, o jornalista não tem exercitado as teorias da comunicação e do próprio jornalismo.

Quem já trabalhou em qualquer tipo de mídia (jornal, rádio, TV), conhece a tal da rotina produtiva dentro de uma redação de notícias. O relógio é o senhor absoluto no processo de transformar um acontecimento em um fato minimamente publicável. O profissional trabalha contra o tempo no primado das notícias sempre frescas. No caso do impresso, agravando o problema, em ambientes de trabalho com recursos humanos cada vez mais reduzidos.

Não é raro o caso onde um ou dois jornalistas têm que dar conta e cabo de

uma, duas, às vezes três páginas diárias de um jornal. Difícil pensar além do muito que já há para ser feito. O jornal precisa ser "fechado", rodado ou filmado, editado e chegar às casas das pessoas todos os dias, de preferência sem atraso e na hora certa. Sob esta lógica, é impossível não prejudicar o processo de apuração e checagem da informação, alma da credibilidade jornalística.

## A REGRA É RAPIDEZ

No meio digital não tem sido diferente. O jornalista Fábio Henrique Pereira apresentou em 2004, no V Congresso Iberoamericano de Jornalismo na Internet, uma análise do processo de construção da notícia e do perfil do jornalista neste meio. Sua descrição dessa rotina produtiva não poderia ser mais angustiante. O pesquisador encontrou um profissional que praticava a informação recebida de outros meios sem muito tempo ou possibilidade de apuração própria e checagem das fontes. O critério de noticiabilidade, o valor da notícia, é muito mais em função da velocidade informativa do que da

qualidade daquilo que vai ser publicado.

Com o "fetichismo da velocidade" em ação, quanto mais rápido na capacidade de veicular notícias, tanto melhor e mais funcional é o profissional. Com a possibilidade de publicação em "tempo real", minuto a minuto, Pereira ressalta que se, até então, nos demais veículos, primeiro fabricava-se a notícia para só então publicá-la, a regra agora é veiculá-la para somente depois fabricá-la. Ou seja, uma notícia em processo de construção, sem as devidas apuração e checagem, já é uma notícia. O objetivo é "colocar no ar" e o fluxo informativo deve ser ininterrupto e constante.

O que é uma das possibilidades do meio digital - a capacidade de publicação em qualquer momento e de qualquer lugar - transformou-se em uma de suas características fundamentais. A regra - com algumas exceções - é a rapidez, em detrimento da qualidade informativa. Porém, a apuração jornalística demanda acuidade e isso toma tempo.

Larissa Grau  
Estudante de jornalismo

## JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

- Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição  
Rua Conde Afonso Celso, nº 515  
Setor Central  
Fone: 3099-6100/3099-6114

- Impressão:  
WAN Comunicação

**Diretor-superintendente:** Marcos de Carvalho Vieira  
(marcosvieira77@yahoo.com)

**Editor chefe:** Flavio Mobaroli (flaviojornalista@hotmail.com)

**Editor de Arte:** Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

**Repórter fotográfico:** Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)

**Gerente de projetos:** Cecília Rodrigues (cecilia.comercial@gmail.com)